

História, memória e turismo nas Igrejas do Centro Antigo em São Cristóvão/SE

Ivan Rêgo Aragão*

Palavras-chave:
Patrimônio de Culto
Monumento
Memória

Resumo: As edificações religiosas católicas vinculadas ao patrimônio arquitetônico da cidade de São Cristóvão, em Sergipe, destacam-se tanto pela sua relevância construtiva como por seu valor imaterial, relacionado à memória afetiva da comunidade e histórica dos visitantes. Nesse contexto, o presente artigo descreve as sete igrejas são cristovenses localizadas no centro antigo. Estas edificações são percebidas como monumentos de identidade, suportes de memória, patrimônios de culto e atrativos turísticos. A partir do aporte teórico e observação em campo, constatou-se a importância sociocultural que os monumentos religiosos possuem e as diferentes percepções do morador e do visitante relativas às igrejas antigas da cidade.

Keywords:
Worship Heritage
Monument
Memory

Abstract: The catholic religious buildings linked to the architectural heritage of the city of São Cristóvão stand out both for their constructive relevance as per your intangible value, related to the affective memory of the community and historic of the visitors. In this context, this article describes the seven churches in the city located the old centre. These buildings are perceived as monuments of identity, storage media, cult assets and tourist attractions. From the theoretical contribution and observation in the field, found the cultural importance that religious monuments have and the different perceptions of the resident and the visitor concerning the old churches of the city.

Recebido em 11 de julho de 2014. Aprovado em 21 de setembro de 2014.

Introdução

Nos estudos sobre núcleos urbanos coloniais, a cidade de São Cristóvão, em Sergipe, tem sido analisada sob diversos aspectos, pois o lugar congrega para si estudos sociológicos, turísticos, arquitetônicos, antropológicos, museológicos, históricos, geográficos e artísticos. Nesse diálogo entre os diversos campos do saber, a teoria e a prática corroboram em mostrar o valor sociocultural da cidade partindo da sua história, patrimônio religioso edificado e na identidade dos seus moradores. “A identidade, sendo também uma representação do real que cria uma comunidade simbólica de sentido, oportuniza tanto a sensação de pertencimento, quanto constrói a noção de alteridade” (PESAVENTO, 2002, p. 24).

Dessa forma, as igrejas de São Cristóvão são vistas por sua importância religiosa, patrimônio de culto coletivo, onde a comunidade vislumbra nessas construções, uma importância afetiva como local de oração, festa e sociabilidade. Espaços dos ritos religiosos – missa, batizado, novena, ofício, procissão, casamento – utilizados cotidianamente para reforçar a liturgia católica.

Sob essa perspectiva, o trabalho em questão, descreve e analisa a relevância das sete igrejas são cristovenses localizadas no centro antigo (Quadro 1) como monumentos da história e identidade, suportes de memória cultural-religiosa da comunidade, bem como atrativos turísticos. O presente artigo também pontua as diferentes vivências dos moradores e visitantes relativas ao patrimônio religioso da cidade.

* Mestre em Cultura e Turismo pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Pós-graduado em História e Cultura no Brasil pela Universidade Gama Filho. Bacharel em Turismo pela Estácio/Faculdade de Sergipe (FaSe); Técnico em Conservação de Bens Culturais Móveis e Integrados pela Fundação de Arte de Ouro Preto (FAOP). Membro do Grupo de Pesquisa Sociedade e Cultura (NPGEO/UFS).

Quadro 1 – Relação das Igrejas de São Cristóvão no Perímetro Antigo¹

IGREJA	PERÍODO	ELEMENTO ARTÍSTICO PRINCIPAL	USOS
São Francisco	Séc. XVIII	Retábulo principal estilo D. João V; três arcos na entrada para a galilé.	Missa, casamento, batizado
Capela Santa Izabel	Séc. XVIII	Portada em cantaria no estilo D. Maria; altar-mor em estilo neoclássico.	Missa
N. S. do Rosário	Séc. XVIII	Torre sineira, frontão triangular reto, portada, duas janelas e óculo em cantaria.	Missa, grupo de oração
N. S. do Amparo	Séc. XVIII	Frontão triangular em volutas, óculo central, porta almofadada, torre sineira.	Missa
N. S. do Carmo Maior	Séc. XVIII	Frontão em estilo barroco confeccionado com pedra calcária; três arcos de entrada para a galilé.	Missa, casamento
N. S. do Carmo Menor	Séc. XVIII	Coroamento em pedra calcária da portada com concha e duas volutas e N. S. do Carmo; teto em medalhão policromado.	Missa, batizado, ofício
N. S. da Vitória	Séc. XVII	Arco cruzeiro com dois anjos e a imagem de São Cristóvão; duas torres sineiras.	Missa, batizado, casamento

Fonte: Pesquisa de Campo.

Tendo inicialmente o aporte teórico-conceitual embasado pela prática do trabalho de campo, o estudo baseou-se nos momentos em que as igrejas são espaços para os ritos religiosos, mas também exemplares histórico, artístico e cultural. Locais para as comemorações que seguem o calendário litúrgico anual com festas de padroeiro, novenas juninas e natalinas. Lugares de memória (NORA, 1993) que fazem parte do cotidiano dos moradores estabelecendo vínculos afetivos relativos às suas histórias de vida, mas também *locus* que atraem visitantes para conhecerem as suas singularidades construtivas, beleza arquitetônica e cênica.

Além da pesquisa bibliográfica, o presente estudo pautou-se nas visitas *in loco* aos espaços das igrejas durante dias comuns, festa e comemoração religiosa ao orago da igreja². O trabalho de campo ao longo dos anos foi fundamental para perceber diferenças que as igrejas possuem no olhar do morador e turista. Foram colhidas informações a respeito do funcionamento das igrejas por meio da Pastoral da Comunicação Nossa Senhora da Vitória (PasCom). A temática do presente artigo está respaldada pelos nove anos de estudos de graduação e pós graduação, tendo a cidade como objeto de estudo e pesquisa.

Breve história de São Cristóvão, Sergipe

Segundo estudos de Nunes (2007), a história de São Cristóvão se identifica com a história dos primórdios

da colonização sergipana. As dificuldades enfrentadas pelos governadores-gerais da Capitânia da Bahia de Todos os Santos foi fator determinante para as primeiras povoações de São Cristóvão. As autoridades políticas tinham dificuldade em fazer valer a sua autoridade diante das desavenças entre colonos e indígenas, e dos saques às terras sergipanas por piratas franceses, com a colaboração dos índios Tupinambás. Além disso, era imprescindível estabelecer comunicação entre os dois maiores núcleos urbanos do Brasil colônia: Salvador e Olinda. As terras que hoje contemplam Sergipe serviam de passagem para essas duas localidades. Outra preocupação dos governantes da Capitânia era garantir acesso dos barcos aos estuários dos principais rios da região sergipana, dominados pela presença de contrabandistas franceses.

De acordo com a historiografia, sabe-se que os principais objetivos da Coroa Lusa eram: povoar às terras brasileiras, estimular a produção agrária, combater o contrabando e assegurar a mão de obra barata através do domínio indígena. De acordo com esses objetivos, estava a ocupação definitiva das terras sergipanas. Em sua análise, Nunes (2007, p. 6) menciona que “o desfecho da colonização de Sergipe significa a vitória dos grandes latifundiários baianos, especialmente os ligados à atividade pastoril”. Sobre esse momento, a historiadora cita Felisbela Freire³ afirmando que “antes do sergipano ser lavrador, foi pastor”. Para Nunes (2007, p. 3), “a colonização sergipana vai ser tentada a partir de uma aliança entre o Estado Português, por meio dos seus

pressupostos na Colônia, e os latifundiários criadores de gado, entre os quais destaca-se Garcia D'Ávila, o mais importante deles”.

Foi em 1590, com “expressivo aparato bélico” e 3.000 soldados, que Cristóvão de Barros ocupa o território e para assegurar a conquista, funda a cidade de São Cristóvão (NUNES, 2007). O rei de Portugal, Felipe II, doa as terras a Cristóvão de Barros, com a condição que ele repartisse com outros colonos por um período de tempo fixado pela Coroa. Após alguns anos por medida de segurança, a cidade foi transferida para um local mais alto, próximo ao rio Paramopama.

Após se fixar em dois lugares mais baixos (1590 e 1600), a cidade se transferiu definitivamente em 1607 para um local mais elevado. Telles (2007, p. 6) comenta que, “assim foi um núcleo urbano implantado à feição das cidades medievais e de forma semelhante ao que ocorreu com grande número de cidades luso-brasileiras”. No último local em que permaneceu, São Cristóvão desenvolveu-se em volta da Igreja Matriz com o casario próprio da época e praça à frente da igreja. De acordo com Telles (2007), a primeira irmandade religiosa – Carmelita – chega ao local em 1608. Os franciscanos só foram se instalar na cidade após a desocupação dos holandeses em 1645⁴. A fixação dessas Ordens em Sergipe deixou um legado artístico e arquitetônico, fundamentais na formação cultural e no cotidiano da cidade.

São Cristóvão desenvolveu-se como núcleo urbano, à medida que a região progrediu na produção de açúcar com engenhos espalhados por todo o território. De 1607 a 1637, o local se consolidou como vila, porto, capital e polo urbano para as fazendas de açúcar. A cidade foi sede da Província até 17 de março de 1855, quando a capital é transferida para o povoado de Santo Antônio do Aracaju (FREIRE, 1977).

A cidade guarda, ainda hoje, em sua arquitetura marcas do período em que foi sede do Governo, herança dos períodos do Brasil colônia e império. Nas suas antigas construções religiosas católicas, destacam-se o conjunto colonial da Praça São Francisco e do Carmo. Com influência das cidades ibéricas, São Cristóvão tinha no início da sua formação como os espaços principais, o Largo da Matriz, a Câmara (poder religioso e político) e o porto.

Galvão Júnior (2007) faz menção aos espaços de poder na formação das cidades na colonização de Portugal e Espanha comentando que,

[...] a organização dos estados ibéricos tinha uma característica determinante para a colonização: o poder laico dos reis imbricava em suas cortes o poder divino. A religião provinha o poder real de valores imateriais, como forma de sustentação e auto-preservação. Por outro lado, os valores materiais eram distribuídos sobre bases milenares de ocupação territorial, em suas marchas, contramarchas de ocupações, guerras, domínios, etc.

Para Telles (2007), a chegada a São Cristóvão das Ordens Religiosas vai definir os elementos formadores de sua trama urbana. Com a edificação das igrejas conventuais, criam-se espaços públicos sociais, diretamente ligados a essas construções, lugares de convivência dos habitantes. A cidade consolida-se em dois planos: a parte alta – tradicional e histórica –, e a baixa – do comércio e ferrovia. Configuração que se mantém até os dias atuais, acrescidas de rodovias, sistema de comunicação e interesse turístico.

O patrimônio religioso e culto na visão dos moradores e turistas de São Cristóvão

Na constatação sobre diferenças nos olhares relativos ao patrimônio religioso e de culto, verifica-se que o valor dado pelos residentes às igrejas do centro antigo, está nas práticas socioculturais cotidianas. Para o morador, existe uma memória vinculada às igrejas que faz parte da sua paisagem diária e que acompanha sua trajetória de vida através dos ritos da igreja. A memória coletiva em uma comunidade aparece como “[...] um elemento constituinte do sentimento de identidade, [...] na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (POLLAK, 1992, p. 5). Relembrar traz à tona o sentido de permanência e perpetuação, é fator de perenidade ao ser vislumbrado como testemunho do passado, onde pelo tempo presente se percebe os atos e acontecimentos vinculados ao longo do tempo.

É no espaço material e da memória que a identidade permanece enraizada nos residentes da cidade (PAES,

2008). Dessa forma, as edificações enquanto construções sacras e o espaço interno das igrejas em São Cristóvão são centros de convergência onde se exercita além do sentido de fé e sagrado, elementos de identidade e pertencimento religioso. Seguindo o pensamento de Halbwachs (2004), a igreja distingue-se dos outros lugares na vida cotidiana do morador, visto que a distribuição e organização do seu interior respondem a necessidade de culto coletivo inspirados na tradição e pensamento do grupo religioso.

O que é colocado por Halbwachs (2004) sinaliza que as igrejas são a expressão de um local que agrega pessoas imbuídas de um sentimento e fé comuns. No entanto, para o visitante que se desloca para conhecer as edificações em São Cristóvão, sua valoração está no sentido dessas construções possuírem o *status* de documento/monumento, como enfatiza Le Goff (1990). Um patrimônio que referencia o passado sergipano e brasileiro do barroco produzido durante o período colonial. As sete construções religiosas católicas oferecem ao visitante/turista informações da história da cidade e irmandades religiosas católicas. As igrejas da cidade “[...] possuem estilos arquitetônicos que apresentam aos turistas uma atratividade de vivenciar e perceber em seus monumentos os detalhes construídos” (VIEIRA, 2007, p. 20). Vieira (2007) menciona que da mesma forma que os museus, as igrejas são relevantes símbolos que estimulam a atividade turística no município: espaços de atração para onde converge a comunidade flutuante com o intuito de conhecer a história da cidade.

Dessa forma, a relevância atribuída às construções sacras pelo residente é habitual, enquanto que para os visitantes/turistas é pontual/visual (MENESES, 2006). A diferença reside no ponto dos usos e sentidos atribuídos ao espaço: para o morador, a percepção do local está respaldada no poder do sagrado, na devoção aos santos e influência da religião católica em seu cotidiano; para o turista, além do valor dado ao espaço de culto, reside o sentido de obra artística, documento que fala sobre a cultura e história que são singulares aquela região. Nesse contexto, pesa o valor agregado de atrativo turístico as construções católicas são cristovenses.

Para o visitante, as igrejas em São Cristóvão são testemunho do barroco que através do jogo lúdico (ÁVILA, 1970), símbolos e imagens talhadas, pintada

e esculpidas, tornaram-se estratégias utilizadas pela Igreja, como “[...] como veículo de verdades divinas e de conceitos que, através da comunicação, se tornavam mais compreensíveis do que mediante a palavra” (HERMETO; MIRANDA, 1987, p. 10) no período colonial do Brasil.

A importância do monumento para o residente é cotidiana, enquanto espaço de reza e ritos religiosos. Em contrapartida, para o visitante, as igrejas possuem um valor turístico de contemplação e fruição da beleza, podendo ser espaços para perpetuar a história da cidade, memória dos artistas e artífices responsáveis pelas construções das igrejas, decoração dos interiores pela talha nos retábulos e na arte aplicada dos elementos decorativos (ARAGÃO, 2009).

Igrejas de São Cristóvão

As sete igrejas do perímetro antigo da cidade de São Cristóvão são: Conventual de São Francisco, Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, Nossa Senhora do Amparo, Conventual de Nossa Senhora do Carmo (Carmo Grande), da antiga Ordem Terceira do Carmo, também conhecida como Igreja do Senhor dos Passos (Carmo Pequeno), Matriz Nossa Senhora da Vitória e a Capela de Santa Izabel.

A primeira edificação da Praça São Francisco foi a Igreja e o Convento de Santa Cruz, fundado em 1657 e mais conhecido como São Francisco. Telles (2007) comenta sobre a originalidade construtiva do convento que está inserido na praça e o classifica como singular no campo da arte e arquitetura barroca. Justifica sua reflexão, citando o já falecido estudioso da História da Arte e excurador do Museu do Louvre em Paris, Germain Bazin, quando esteve em visita a São Cristóvão. Para Bazin, o convento de Santa Cruz é uma *“oeuvre, d’esprit baroque, tranche avec le classicisme voulu des autres cloîtres; elle correspond à ce gout d’ornamentation sculptée qui caractérise la région du Sergipe où l’on disposait de beaux matériaux calcaires”*⁵.

De acordo com Carvalho (1989), o claustro em cantaria dessa construção “é considerado único em conventos franciscanos do Brasil”, como também é único no nordeste do Brasil, “o sistema de sustentação em pilares verticais isolados e não em colunas” (CARVALHO, 1989,

p. 29). Essa ideia ainda é confirmada por Telles (1007, p. 10), quando comenta que:

O claustro, o modelo franciscano de duplo avarandado, é, no entanto, uma peça excepcional e única, por quanto às colunas que se repetem em todos os demais conventos, aqui são substituídos por pilastras de seção quadrada com as arestas chanfradas, as quais, no térreo, dão apoio a uma seqüência de arcadas e, no segundo piso, diretamente aos beirais das telhas.

Soutelo (2007) menciona que a autorização para a construção da igreja e convento franciscano data do século XVII, precisamente de 10 de setembro de 1657, quando o Governador Geral do Brasil, Francisco Barreto, autorizou a empreitada da igreja conventual

São Francisco, Patrimônio Cultural da Humanidade⁷. O altar principal possui retábulo revestido de madeira e com elementos de talha dourada, colunas torças e dorsel⁸. Mais à frente, na altura do arco-cruzeiro, dois retábulos colaterais “finamente trabalhados, revestidos de ouro em tom mais escuro, dedicado a Nossa Senhora da Conceição e Santo Antônio” (SOUTELO, 2007, p. 7). Atualmente, acontecem nesse templo religioso missas, casamentos, batizados, cerimônias de abertura e encerramento de retiros espirituais católicos.

A Igreja Nossa Senhora do Rosário, que pertencia no passado à Irmandade dos Homens Pretos, é a mais afastada do perímetro antigo. Segundo Carvalho (1989), a igreja em questão é uma construção do século XVIII. Ela

Figura 1 – Detalhe da Fachada da Igreja São Francisco



Foto: Ivan Rêgo Aragão.

em São Cristóvão. Contudo, somente no ano de 1693 é que se iniciou a edificação do monumento, tendo a sua construção se prolongado até o século seguinte. O autor citado ainda descreve a igreja do convento como um modelo que “acompanha as demais igrejas franciscanas do nordeste”, tem nave⁶ única, corredores laterais dirigidos à capela-mor e que fazem a ligação do claustro à sacristia. A Igreja São Francisco faz parte do conjunto franciscano que inclui o convento e a antiga igreja da Ordem 3^a que atualmente funciona o Museu de Arte Sacra. Na fachada dessa igreja encontra-se um pequeno nicho com a imagem de São Francisco de Assis (Figura 1).

A sua singularidade da Igreja Conventual de Santa Cruz está em fazer parte das construções da Praça

possui torre sineira baixa⁹, frontão triangular reto, portada, duas janelas e óculo¹⁰, todos em cantaria de pedra calcária, nave única e retábulo do altar-mor neoclássico (Figura 2). De acordo com Nunes (2007, p. 13),

A Igreja de Nossa Senhora dos Pretos teve a construção patrocinada pela Irmandade dos Homens Pretos do Rosário. Foi iniciada em 1746, época em que o desenvolvimento açucareiro fazia afluir para a região grande número de escravos negros. Com influências barrocas na portada e no consolo que sustenta o púlpito, apresenta estilo rococó a marcar os altares laterais com as colunas pintadas de branco, azul, dourado e vermelho, erguidas algum tempo depois.

Essas percepções advindas de historiadores como Maria Tétis Nunes mostram a influência cultural luso-

Figura 2 – Retábulo do Altar-Mor da Igreja de N. S. do Rosário



Foto: Ivan Rêgo Aragão.

africana nos elementos construtivos como no cotidiano das comemorações no espaço externo da igreja, onde havia a ocorrência da coroação do rei e rainha negros, adoração a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito (CUNHA, 2011). Segundo informações cedidas pela PasCom, atualmente, além das missas, são realizadas reuniões semanais de grupos de oração na igrejas em questão.

A chegada dos carmelitas em São Cristóvão está registrada em Carta de Sesmaria nos anos de 1618 e 1619 (NUNES, 2007). O conjunto carmelita edificado por esta Ordem religiosa católica é composto pela igreja do Carmo Grande tendo à esquerda o convento¹¹ e à direita antiga igreja da Ordem 3^a do Carmo, conhecida como Carmo Pequeno ou Igreja do Senhor dos Passos. Para alguns pesquisadores da arte colonial¹², a Igreja

Conventual do Carmo foi a primeira a ser edificada do conjunto carmelita. Construída no século XVIII pelo frei Antônio de Santa Eufrásia Barbosa (CARVALHO, 1989). O monumento tem o frontão¹³ em estilo barroco decorado em pedra calcária ostentando o escudo da Ordem Carmelita. A fachada possui três arcos de entrada para a galilé e o mesmo número de janelas na altura do coro. Segundo Carvalho (1989), no passado a igreja possuía seis altares com os retábulos em talha dourada do século XVIII, mas atualmente possui apenas um original. Merece destaque os elementos artísticos fitomórfos, concheados e volutas na sua fachada (Figura 3). Sendo este monumento classificado, segundo a análise de Orazem (2006), como Rococó¹⁴.

Figura 3 – Fachada da Igreja do Carmo Grande



Foto: Ivan Rêgo Aragão.

Conforme Carvalho (1989), a antiga capela da Ordem Terceira do Carmo (Carmo Pequeno), atual Igreja Senhor dos Passos também foi construída no século XVIII, possuindo o frontão em estilo barroco. Logo acima da portada, “coroamento” com concha e duas volutas¹⁵ em pedra calcária e a imagem de Nossa Senhora do Carmo com o mesmo material. O sino encontra-se à direita da fachada, emoldurado por uma janela. A capela-mor possui teto em medalhão policromado em forma de gamela, com a pintura de Nossa Senhora do Carmo. O altar-mor é dourado e os quatro altares e retábulos laterais em estilo rococó sem policromia, com a imaginária representando o “Senhor da Pedra Fria”, o “Senhor da Coluna”, Santa Tereza e a imagem de vestir de Nossa Senhora do Carmo.

De acordo com a PasCom, atualmente são realizados missas, casamentos e batizados, nas igrejas do Carmo Grande e Pequena. Durante a Quaresma, a Igreja do Carmo Menor¹⁶, torna-se bastante frequentada, pois é o local onde se encontram as imagens de roca do Senhor dos Passos e Nossa Senhora das Dores (ARAGÃO, 2012). Nesse período, acontecem os Ofícios antes, durante e após a festa ao Nosso Senhor dos Passos¹⁷.

A Igreja de Nossa Senhora do Amparo é uma construção do final do século XVIII quando os holandeses estavam em São Cristóvão (CARVALHO, 1989). Esse templo possui frontão triangular em volutas, com óculo central, porta almofadada, torre sineira alta, nave única, capela-mor e sacristia. A igreja era propriedade da “Irmandade dos Homens Pardos”. Segundo Carvalho (1989, p. 19), a partir de 1907 tanto a Igreja de Nossa Senhora do Amparo como a de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, “passaram a serem administradas pelo vigário da cidade”. Até o ano de 2010 esta igreja passava a maior parte do ano fechada, abrindo somente para dia de festas como a Procissão do senhor dos Passos e a do Fogaréu.

Silva Filho (2011) menciona que, no final do século XV, com exceção das capelas dos conventos de São Francisco e Nossa Senhora do Carmo, a capela da Santa Casa da Misericórdia era a única de pedra e cal existente na cidade de São Cristóvão. O destaque para o elemento decorativo dessa construção fica a cargo da portada. Segundo Bazin (1983, p. 178), “a porta é decorada com ornamentos esculpidos em pedra calcária de estilo Dona Maria, semelhante aos que ornaram as portas e janelas de São Gonçalo de Penedo (Alagoas)”. Atualmente acontecem missas em seu espaço e vistas dos turistas.

A igreja Matriz Nossa Senhora da Vitória é datada de 1608 e edificada pelos padres jesuítas por ordem dos reis da Espanha para ser Sede Episcopal (CARVALHO, 1989). Segundo Carvalho (1989, p. 38), “de grande volumetria, esta igreja possui duas torres bem proporcionadas, guarnecidas por azulejos brancos e encimadas por galo português”. Ela possui em seu arco-cruzeiro dois anjos e a imagem de São Cristóvão em pedra calcária. Além disso, possui um retábulo lateral do lado direito de quem entra próximo ao altar.

Figura 4 – Capela de Santa Isabel



Foto: Ivan Rêgo Aragão.

Em consulta a PasCom, foi informado que nesse templo tem havido a ocorrência de missas com frequência, bem como ela se mantém aberto para a apreciação de turistas.

A Capela da Santa Isabel – antiga capela da Ordem Terceira da Misericórdia – possui sua arquitetura vinculada ao Lar Imaculada Conceição (Figura 4).

O citado retábulo encontra-se talhado e policromado possui quatro pinturas laterais representando cenas da vida de Jesus, do nascimento à ressurreição (Figura 5). Esse templo é uma invocação à padroeira da cidade e, de acordo com Vilela e Silva (1989, p. 25), “é o mais antigo monumento tombado em Sergipe”. Atualmente a igreja

funciona para missas, casamentos, batizados e encontra-se durante o dia, aberta para visitação.

Considerações finais

O presente artigo, que destaca o patrimônio religioso edificado do centro antigo da cidade de São Cristóvão, buscou descrever as igrejas e evidenciar as diferentes óticas sobre os monumentos religiosos dentro do perímetro demarcado. Segundo Pesavento (2002, p. 9), “a cidade, é por excelência, o ‘lugar do homem’, ela se presta à multiplicidade de olhares entrecruzados que, de forma transdisciplinar, abordam o real na busca de cadeias de significados”. Isso fica evidenciado pelas

(curiosidade, memória histórica, aperfeiçoamento cultural e reconhecimento artístico).

Notas

1 Os primeiros tombamentos em São Cristóvão ocorreram na década de 1940, somente o conjunto edificado do centro antigo foi tombado em 1967.

2 Principal invocação que dá nome à igreja. Segundo o dicionário de língua portuguesa, orago está relacionado ao santo que dá nome a uma capela, um templo ou uma freguesia.

3 Primeiro governador de Sergipe na Primeira República Brasileira, de 13 de dezembro de 1889 até 17 de agosto de 1890.

4 A presença holandesa em São Cristóvão é registrada entre os anos de 1637 a 1645.

Figura 5 – Pintura do altar lateral da Matriz Nossa Senhora da Vitória representando a adoração do Menino Jesus



Foto: Ivan Rêgo Aragão.

diferentes percepções pelos moradores e visitantes, acerca dos bens culturais-religiosos da cidade. Nesse contexto, as igrejas do centro antigo de São Cristóvão são lugares para além da sua função primordial: lugar de reza e devoção. Elas também são documentos da história, lugares de memórias, espaços culturais e atrativos turísticos.

Ao verificar os diferentes sentidos que são atribuídos às igrejas, tanto pela comunidade residente, quanto flutuante, o valor dado a essas edificações se vincula a fatores tanto internos (cotidianidade, memória afetiva, pertencimento e identificação) como externos

5 “Obra de espírito barroco, que ressalta o classicismo desejado dos outros claustros, ele corresponde ao gosto de ornamentação esculpida, que caracteriza a região de Sergipe, onde dispunha ótimos materiais calcários” (tradução do autor).

6 Termo referente à ala central de uma igreja ou catedral onde se reúnem os fiéis de modo a assistirem ao serviço religioso.

7 No dia primeiro de agosto de 2010 a Praça São Francisco, localizada no centro antigo de São Cristóvão, recebeu da UNESCO, o título de Patrimônio Cultural da Humanidade por ser um modelo de construção da Plaza Mayor em terras fora das Espanha. A Praça São Francisco é considerada um registro único e autêntico de um fenômeno urbano singular no Brasil, período durante o qual Portugal e Espanha estiveram unidos sob uma única coroa, nos reinados de Felipe II e Felipe III, entre 1580 e 1640.

- 8 Pequena cortina em madeira na parte alta do retábulo.
- 9 Parte mais alta da igreja onde está localizado o sino.
- 10 Abertura na fachada ou interior que pode ser redonda ou de outras formas.
- 11 Convento na qual a Beata Dulce dos Pobres fez os seus primeiros votos no noviciado entre 1933/1934.
- 12 Bazim (1983), Carvalho (1989), Nascimento (1981), Orazem (2006).
- 13 Conjunto arquitetônico em forma triangular que decora o topo da fachada principal de um edifício.
- 14 Estilo artístico que surgiu na França como desdobramento do barroco.
- 15 Elemento em espiral muito usado no período barroco.
- 16 Popularmente conhecida como Igreja do Senhor dos Passos por guardar a imagem no altar principal.
- 17 São sete os Ofícios vinculados ao Senhor dos Passos no período da Quaresma. Todos os Ofícios ficam a cargo da Igreja da Ordem Terceira do Carmo ou Carmo Pequena.

Referências

ARAGÃO, Ivan Rêgo. **Cultura, identidade e memória**: uma análise da relação do turismo com o patrimônio arquitetônico na cidade histórica de São Cristóvão/SE. 2009. Monografia (Graduação em Turismo) – Estácio/Faculdade de Sergipe, Aracaju, 2009.

_____. **“Vinde Todas as Pessoas e Vede a Minha Dor”**: a festa/procição ao Nosso Senhor dos Passos como Atrativo Potencial Turístico em São Cristóvão-Sergipe. 2012. Dissertação (Mestrado em Cultura e Turismo) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2012.

ÁVILA, Affonso. O elemento lúdico nas formas de expressão do Barroco. **Revista Barroco**, n. 2, p. 7-18, 1970.

BAZIN, Germain. **A arquitetura religiosa Barroca no Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 1983.

CARVALHO, Eliane M. S. F. **São Cristóvão e seus monumentos**: 400 anos de história. São Cristóvão: Secretaria de Estadual de Educação, 1989.

CUNHA, Joceneide. Apontamentos sobre as Irmandades do Rosário dos Homens Pretos da Capitania de Sergipe del Rei (1750-1835). In: **XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais**, Salvador, UFBA, 07 a 10 de agosto de 2011. p. 1-16.

FREIRE, Felibello. **História de Sergipe**. 2. ed. Petrópolis RJ: Vozes, 1977.

GALVÃO JUNIOR, José Lima. Análise da evolução morfológica do espaço urbano. In: **Proposição de inscrição da Praça São Francisco em São Cristóvão/SE na lista do**

patrimônio mundial. Aracaju: Secretaria do Estado da Infra-Estrutura, IPHAN, Prefeitura Municipal de São Cristóvão, 2007. CD-ROM.

HALBWACHS, Maurice. **La memoria colectiva**. Trad. de Inés Sancho-Arroyo. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, 2004. HERMETO, Helena Machado; MIRANDA, Katia Rita Caran. Iconografia: uma documentação visual. In: **Santos homens**. Superintendência de Museus do Estado de Minas Gerais: Museu Mineiro, 1987.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão et al. Campinas: Unicamp, 1990.

MENESES, José Newton C. **História & turismo cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

NASCIMENTO, José Anderson. **Sergipe e seus monumentos**. Aracaju: Gráfica e Editora J. Andrade, 1981.

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. **Revista Projeto História**. São Paulo: Pontifica, Universidade Católica, n. 10, p. 7-28, 1993.

NUNES, Maria Tétis. A cidade de São Cristóvão na formação da história sergipana: da Colônia a nossos dias. In: **Proposição de inscrição da Praça São Francisco em São Cristóvão/SE na lista do patrimônio mundial**. Aracaju: Secretaria do Estado da Infra-Estrutura, IPHAN, Prefeitura Municipal de São Cristóvão, 2007. p. 1-16. CD-ROM.

ORAZEM, Roberta Bacellar. **Arte colonial sergipana**: análise dos elementos artísticos das igrejas da Ordem Terceira e Conventual do Carmo em São Cristóvão/SE. 2006. Monografia (Licenciatura em Artes Visuais) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2006.

PAES, Maria Tereza Duarte. Patrimônio cultural, turismo e identidades territoriais: um olhar geográfico. In: BARTHOLO, Roberto; SANSOLO, Davis Gruber; BURSZTYN, Ivan (Orgs.). **Turismo de base comunitária**: diversidades de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: UFRJ, Letra e Imagem, 2008.

PESAVENTO, Sandra J. **O imaginário da cidade**. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. Trad. Monique Augras. **Revista dos Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, v. 5, n. 10, p. 1-15, 1992.

SILVA FILHO, José Thiago da. Memória da Santa Casa de Misericórdia de São Cristóvão/SE. **Revista do Memorial do Poder Judiciário de Sergipe**, n. 1, p. 141-163, 2011.

SOUTELO, Luís Fernando Ribeiro. O Convento de Santa Cruz e a Igreja Conventual: a presença franciscana. In: **Dossiê com a proposição de inscrição da Praça São Francisco em**

São Cristóvão/SE na lista do patrimônio mundial. Aracaju: Secretaria do Estado da Infra-Estrutura, IPHAN, Prefeitura Municipal de São Cristóvão, 2007. p. 1-12. CD-ROM.

TELLES, A. S. São Cristóvão: urbanismo e arquitetura. In: **Proposição de inscrição da Praça São Francisco em São Cristóvão/SE na lista do patrimônio mundial.** Aracaju: Secretaria do Estado da Infra-Estrutura, IPHAN, Prefeitura Municipal de São Cristóvão, 2007. CD-ROM.

VIEIRA, Aislan. de S. **Turismo sustentável e patrimônio histórico-cultural:** museus e igrejas enquanto atrativos do município de São Cristóvão/SE. 2007, Monografia (Graduação em Turismo) – Estácio/Faculdade de Sergipe, Aracaju, 2007.

VILELA, Iêda Maria Leal; SILVA, Maria José Tenório da. **Aspectos históricos, artísticos, culturais e sociais da cidade de São Cristóvão.** Aracaju: Secretaria de Estado da Cultura e Meio Ambiente, 1989. (Série Memórias, v.1).